

JÚLIO GONÇALVES

VIDAS ADIADAS



PRÉMIO LITERÁRIO ANTÓNIO CELESTINO 2020

Município da Póvoa de Lanhoso

Foi preso num dia solarengo de finais de maio de mil novecentos e setenta e um, o céu derramando generosamente sobre o casario de Lisboa emanações adocicadas de luz, como ele próprio testemunhava, cercado pelo casario alvo dos bairros em volta do Rossio, no momento em que, sentado na acolhedora esplanada da Pastelaria Suíça tomava um café depois do almoço degustado num dos restaurantes da Rua de Santo Antão, paredes meias com o Coliseu.

Henrique folheava distraidamente o Diário de Lisboa, onde se relatavam os últimos preparativos para enviar homens à lua e as incidências da campanha eleitoral para a presidência de França, e contemplava o movimento dos que passavam pelo coração da capital do império, na sua azáfama diária. Depois de à tarde tratar dos últimos assuntos que viera resolver a Lisboa, dormiria em casa dos tios que lhe tinham dado já guarida nos últimos três dias no seu 4º andar da avenida Casal Ribeiro, perto do largo da Estefânia, e iria regressar a Póvoa de Lanhoso na manhã seguinte, apanhando o comboio para o norte na estação de Santa Apolónia. Lá o esperaria Alzira, como sempre o esperara afinal nos últimos anos, e o aguardariam também os pormenores de última hora para o casamento tantas vezes adiado e agora finalmente marcado para o sábado de catorze de junho.

Subitamente, sentiu uma mão ossuda, enorme e poderosa apertar-lhe o ombro esquerdo para o obrigar a levantar os olhos do jornal, e percebeu de imediato que aquele momento de paz e descanso tinha chegado ao fim. Um homem de sobretudo e chapéu cinzento-escuros, em contraponto com a quente luminosidade do dia, acompanhado de outro trajando exatamente da mesma maneira, fitava-o friamente e sem qualquer emoção, limitando-se a comunicar-lhe discretamente que os devia acompanhar, sem alarido e sem resistência, para conversarem um pouco em local mais apropriado e com menos público. Encaminharam-no depois discretamente para o grande carro negro que os aguardava um pouco à frente, quase junto ao Teatro D. Maria, o motor a trabalhar e o motorista no seu posto. O veículo arrancou prontamente mal os passageiros entraram a bordo e contornou o Rossio para depois se dirigir rumo à Rua António Maria Cardoso, no Chiado, como Henrique depressa percebeu, a despeito da sua angústia e do total silêncio dos seus captores que o ladeavam no amplo banco traseiro da viatura.

Já no edifício da polícia política, Henrique foi encaminhado para uma sala do terceiro andar onde apenas uma mesa retangular em madeira, com o tampo desgastado pelo uso e de cantos arredondados, e três cadeiras metálicas cada qual de seu estilo, preenchiam o espaço onde uma débil luminosidade irradiava de uma lâmpada impotente pendurada alta num simples casquilho negro e que lutava contra a escuridão provocada pela ausência de janelas. Cheirava a mofo e a medo, com as tenebrosas paredes outrora brancas manchadas de sujidade e esfaceladas aqui e ali. Henrique começou a tomar consciência do seu estatuto de prisioneiro quando foi deixado

só naquele espaço durante duas horas que lhe pareceram uma eternidade, sem uma palavra ou explicação, e teve tempo para refletir acerca da sua sorte que se adivinhava complicada. Depois entraram dois homens.

Quando foi deixado na cela sórdida em que mais tarde despertara, Henrique perdera já a noção do tempo que passara. Lembrava-se difusamente primeiro, depois com progressiva clareza, de ter estado só durante algum tempo, de terem depois entrado na exígua sala dois agentes que nunca tinha visto e que lhe ofereceram um copo de água e lhe fizeram calmamente algumas perguntas. Lembrava-se de esses mesmos homens terem gradualmente começado a perder a calma inicial, de o terem espancado, de terem sido substituídos por outros homens, que também começaram por uma certa cordialidade para depois o agredirem violentamente perante a falta de respostas às perguntas que lhe lançaram. Quem vieste ver a Lisboa? O que vieste fazer? O desmaio. O acordar com a água fria lançada sobre o rosto. Desde quando és comunista? Os socos na cabeça. O sangue a espirrar-lhe das narinas tumefactas. O que vieste fazer a Lisboa? Com quem te vinhas encontrar? Nova perda de sentidos. Mais água fria para um doloroso despertar. Os gritos. És comunista? As bofetadas de mão aberta, o latejar das faces. Quem são os teus contatos aqui? Novamente o desmaio. O despertar noutra espaço, o mesmo onde agora se encontrava. Estava preso. Só mais tarde lhe disseram que estava já em Caxias. Não sabia como lá fora parar. Apenas podia imaginar.

E Alzira? Como estaria Alzira? Saberla dele? E o casamento? Provavelmente não haveria noivo para, na data marcada, receber Alzira no altar da Igreja de Fontarcada, para eles a mais romântica da região. A noiva não atravessaria, pelo braço do pai a porta que se abriria nas arquivoltas do centenário pórtico sob a velha rosácea, para entrar na nave única, o teto em madeira, e percorrer de seguida o corredor por entre os bancos decorados com orquídeas brancas, em direção ao altar onde ele a esperaria para que o padre pudesse dar início à cerimónia. Alzira queria orquídeas brancas. Não veria Alzira vestida de noiva, já não tinha noiva. Não ecoaria certamente pelo lugar o som do sino repicando estridentemente o anúncio do feliz enlace lá no alto da torre sineira.

Regressaria à António Maria Cardoso para mais alguns interrogatórios, e seria submetido também em Caxias à tortura do sono durante dias a que perderia a conta, os esbirros revezando-se para o manterem acordado e com espancamentos adicionais para reforço da coação. Aplicaram-lhe a tortura da estátua, mas o seu cérebro cansado nunca se vergou e foi capaz de resistir para além do que sempre imaginara poder suportar. Porque tinha de resistir. Recebeu a visita de Alzira e dos pais um mês e meio depois de ser preso. Não lha tinham permitido antes.

O seu estado físico não o aconselhava, supunha. Não falaram do casamento. Não foi necessário. Apenas trocaram, furtivas primeiro, descontroladas depois, lágrimas de dor e desespero.

A sua vida daí em diante foi feita de interrogatórios progressivamente mais esparsos, e as visitas de Alzira eram as possíveis, mas constantes. Voltaram a fazer planos para o futuro, quando o libertassem. Não poderia ficar preso muito tempo. Que tinham de concreto contra ele? Umas reuniões, uns encontros com pessoas do partido? Quase nada. Haveria casamento.

Até que um dia chegou a sentença do tribunal e a ordem para a mudança. Ia para outra prisão. Nove anos no forte de Peniche. Nove inimagináveis anos.

Lembrava-se da chegada, avançando em direção à sua nova cela vigiado no percurso por dois guardas armados que caminhavam atrás de si, passando junto ao refeitório e percorrendo o corredor onde as portas maciças das celas se encontravam regularmente espaçadas na parede branca à sua esquerda. O silêncio em volta era angustiante, e apenas o som dos passos das botas cardadas dos guardas ecoava nos tetos altos daquele espaço, fazendo com que parecessem mais pessoas a caminharem em conjunto. Ao fundo, o corredor dividia-se em curtas ramificações para cada um dos lados. Virando à direita chegou ao seu novo domicílio, e lá ficou só quando a pesada porta rangeu nas dobradiças enormes e se fechou com um inconfundível som metálico que se espalhou pelo corredor.

Na solidão dessa cela de Peniche, embalado pelo som das vagas abatendo-se sobre as centenárias muralhas da velha fortificação e pelos grasnidos despreocupados das aves marinhas, Henrique tinha tempo para pensar no seu passado e em como o tempo tudo suaviza, seja a dor ou a infelicidade, sejam as alegrias que a vida vai proporcionando. Tempo para pensar como, com o distanciamento temporal dos acontecimentos, se limam as arestas cortantes do passado que tanto sofrimento causaram, e se sublimam os sentimentos até deles restar apenas a sua essência. Dá-se como que uma depuração, que não deve confundir-se com esquecimento, em que se expurgam as impurezas que contaminam as boas e más recordações até que delas reste apenas a verdadeira substância. Assim se perdoa o imperdoável, se supera a dor inultrapassável, se deixam de verter as lágrimas por aqueles que perdemos ou por aqueles que fomos impedidos de amar.

Desde a sua prisão, apesar da distância para a terra, Alzira fora sempre uma visita quinzenal regular no parlatório do forte de Peniche. Ali se quedavam frente a frente, separados pelo vidro que os impedia de se tocarem enquanto as suas vozes escoavam debilitadas através das redes metálicas que ladeavam o espaço vidrado entre paredes de azulejos brancos, sempre vigiados pelos guardas que lhes impediam qualquer intimidade. O silêncio, nessas ocasiões, valia muitas vezes mais que as palavras, mas Henrique começara gradualmente, ao longo desses encontros,

a construir um sentimento de culpa em que sentia não ser ele quem estava preso, mas sim Alzira. Era ela que, sem nada ter feito para o merecer, vivia cumprindo há mais de um ano aquela pena de vir visitá-lo, de suportar a humilhação da revista e da ironia dos guardas, de hipotecar o seu futuro com alguém que não lho podia dar e a sua felicidade com quem não lha podia proporcionar. Henrique sentia que o seu amor por Alzira era forte e intenso mas não podia transmitir-lho, e num dia de agosto de mil novecentos e setenta e dois em que o calor dentro das instalações do parlatório era insuportável, numa decisão amargamente tomada ao longo de muitas noites de insónia, suportou a humilhação suprema de, perante os ouvidos atentos dos guardas, comunicar a Alzira que não a queria ver mais, que o seu namoro estava terminado e que ela era livre de construir a sua vida com outra pessoa. Alzira negou com os olhos marejados de lágrimas e mordeu os lábios para não deixar escapar outro tipo de lamento. Henrique viu, no seu olhar marejado, o profundo desgosto causado por aquelas palavras, viu no crispar do seu rosto a desilusão pelo que acabava de ouvir, viu a determinação dela em não aceitar aquelas palavras. Sem saber como, evitou qualquer esgar de emoção que o traísse e levantou-se altivamente da cadeira desconjuntada em que estava sentado. Sem olhar para trás, voltou para a cela onde, aí sim, chorou depois amargamente pela decisão que tomara.

Alzira regressara fielmente durante os dois meses seguintes para o visitar, mas Henrique recusara-se sempre a sair da cela para a receber. Cada uma dessas tentativas de Alzira em vê-lo era uma estocada com um punhal de gelo no seu coração que o deixava profundamente abalado, mas a sua determinação em não a prejudicar mais era para ser levada com firmeza e sem capitular. Calculava o quanto ela sofria também nesses dias, mas abdicava de Alzira por amor. Ela não o podia saber. Não lhe escreveu mais cartas. Não leu também mais as suas missivas, previamente devassadas pelos seus algozes, que rasgava em pedaços miúdos e lançava na latrina.

Na prisão, Henrique pensava para passar o tempo e para perceber o tempo. A infância feliz entre a vila de Póvoa de Lanhoso e as terras do avô paterno em Geraz do Minho onde gostava de ir com os primos armar ratoeiras aos pássaros mais incautos. Os tempos da escola e do jogo da bola. As raras viagens em agosto a Lisboa, no carro do tio, para ir ao jardim Zoológico, a Belém, a Cascais, a Sesimbra! As idas à invicta, um pouco mais frequentes, para ir ao cinema, ao teatro, ou para ir às Antas ver jogar o Porto. A descoberta do amor. Primeiro com Alice, efémero e recatado, depois com Joana, louco e depravado, breve também. Depois, com Alzira, intenso e definitivo, para sempre. Para nunca mais.

E depois um primeiro adiar de todos os sonhos. A incorporação militar e a instrução subsequente, a mobilização para Angola, a guia de marcha para se apresentar no quartel. A

companhia que se organizou com várias especialidades, e mais preparação para a missão que os esperava. E a promessa de casamento com Alzira logo após o regresso

Depois a viagem para Lisboa, o embarque no Vera Cruz no cais de Alcântara, o navio zarpando entre silvos de sirene e gritos de despedida, começando a fender logo depois as águas turvas do Tejo e deixando para trás os familiares e amigos acenando os lenços com que enxugavam as lágrimas, numa despedida angustiada perante a incerteza que o futuro lhes reservava. E depois o oceano azul e profundo como o temor que sentiam face ao que os poderia esperar.

A chegada a Luanda, a ida para o quartel do Grafanil, perto de Viana, e que era em Angola a placa giratória de passagem de testemunho entre as tropas que terminavam as suas comissões de serviço aprestando-se para regressar à Metrópole, e aquelas que as iam render. Por ali ficaram uns dias aguardando a ordem para se deslocarem em coluna militar para Nambuangongo, a confirmação das suas piores expectativas, perante os relatos dos veteranos que terminavam a sua comissão.

Foi já em Nambuangongo que conheceu o alferes Tomé, o antigo estudante de Coimbra, um natural de Abrantes que lhe foi explicando o porquê daquela guerra e acabou por cativá-lo para o envolvimento político que o atiraria mais tarde para a prisão. Foi o alferes que lhe explicou o porquê da guerra colonial em Angola e nas outras colónias e que o levou a questionar-se sobre o seu papel naquela terra tão longe da metrópole. Contou-lhe da exploração dos trabalhadores nativos pelas empresas europeias nas fazendas de algodão da baixa do Cassange, e como isso levava a um crescente sentimento de injustiça e à revolta por parte desses trabalhadores. E como União das Populações de Angola havia desencadeado as sublevações que passaram pela destruição de propriedades, lojas, casas e vias de comunicação, aniquilamento de gado, invasão de missões, e expulsão de colonos brancos desses locais.

Ou como na noite de quatro de fevereiro de mil novecentos e sessenta e um, homens armados do Movimento Popular de Libertação de Angola, assaltaram as cadeias civis de Luanda e a casa de reclusão militar, para libertarem os seus presos políticos, desencadeando a consequente vingança sobre a população negra por parte das autoridades e da população civil branca de Luanda.

Assim começara a guerra colonial que alastraria em Angola nos anos seguintes, e que conhecera um longo historial de episódios sangrentos retomado logo em março desse ano com a sublevação no norte de Angola, em que foram destruíram fazendas e postos administrativos, e se chacinaram homens, mulheres ou crianças de todas as raças que não fugiram a tempo. Salazar dera depois a ordem de avançar para Angola e em força, e milhares de jovens foram sucessivamente lançados ao longo desses anos em navios rumo a uma guerra de que muitos

deles não chegariam a regressar com vida. Não fora o seu caso, pois regressara ileso fisicamente a despeito das profundas marcas deixadas pelas vivências da guerra, mas interiormente muito afetado e mudado.

Como haveria de esquecer as suas vivências em África, e acima de todas elas a trágica morte do alferes Tomé? Lembrava-se de cada pormenor desse dia, até porque os seus sonhos nas noites mal dormidas, como eram quase todas a que passava agora na prisão, o levavam recorrentemente àqueles momentos em que os veículos em que seguiam em missão de patrulha descreveram lentamente uma curva da picada ladeada por capim da altura de um homem, com os soldados que faziam a picagem do solo à procura de minas na frente, seguidos por uma Berliet carregada de sacos de areia para atenuar os danos em caso de explosão, e que encabeçava a pequena coluna motorizada serpenteando atrás, levantando uma nuvem de pó vermelha que se depositava como uma segunda pele nos seus camuflados gastos pelo sol. Atrás, dois Unimog de bancos de madeira corridos, com os soldados de armas em riste apontadas vigilantemente para um e outro lado do caminho, e onde, no segundo deles, ele próprio viajava. Por fim, encerrando a coluna, um jipe GMC de grandes dimensões com mais alguns soldados armados, onde seguia o alferes. Um dos homens que avançava cautelosamente na frente da coluna observando o piso e perfurando-o aqui e ali com uma vareta de metal, estacou subitamente, fazendo parar a marcha lenta da coluna. Tinha detetado uma mina. Os soldados haviam saltado das viaturas com as armas engatilhadas e prontas a disparar, perscrutando tensos e nervosos os arredores, atentos ao mínimo som ou movimento que pudesse ser sinal da presença de terroristas. Descontraíram pouco depois perante o silêncio apenas quebrado pelo som dos insetos zumbindo no capinzal seco em seu redor, enquanto alguns camaradas, trabalhando cuidadosamente, levantavam a mina que depois fizeram explodir em segurança para a inutilizarem. Depois a coluna pusera-se novamente em marcha, com os homens da frente continuando atentos a marcas no solo que revelassem a implantação de mais armadilhas. Pouco mais de cinquenta metros depois, detetariam uma segunda mina. Repetiu-se o ritual já antes visto, com todos a saírem dos respetivos meios de transporte, mas os soldados desta vez mostravam-se já menos tensos. Ouviu-se então subitamente uma rajada prolongada, logo imitada por outra e outra, seguidas de tiros de morteiro que rebentavam nas imediações, fazendo com que os portugueses se lançassem no chão tentando ocultar-se atrás dos carros, e disparassem à toa na direção de onde supunham partir o fogo inimigo. A menos de vinte metros de distância o alferes Tomé estava agachado entre o jipe e uma pequena árvore à beira na picada. No momento em que Henrique o vislumbrou de G3 em riste, uma bola de fogo, fumo e terra escura levantada do chão surgiu no lugar do alferes, e Henrique, incrédulo e em choque, viu o

corpo desmembrado do camarada ser projetado pela explosão de uma granada de morteiro, erguer-se no ar como uma marioneta desarticulada, e vir cair, num baque surdo, mistura de sangue e de vísceras mesmo à sua frente, numa imagem que jamais o abandonaria.

Viveria posteriormente outras situações em que esteve debaixo de fogo da guerrilha, mas esse acontecimento marcou o apogeu da sua experiência de guerra, e foi por não conseguir recuperar psicologicamente do abalo sofrido que, no regresso a casa meses depois, teve a lucidez suficiente para pedir a Alzira que adiassem o casamento até um dia em que se sentisse em melhores condições para ter uma vida responsável como homem de família.

Fora precisamente nesses anos depois do regresso de África que iniciara a sua vida mais ligada às causas políticas oposicionistas ao regime, até porque alguns dos contatos trazidos da vivência com o alferes Tomé o haviam conduzido a esse patamar de envolvimento que, todavia, permanecera bastante discreto, sempre muito esporádico e sem a assunção de qualquer responsabilidade em nenhuma estrutura. E foi esse seu envolvimento numa causa que sabia ser cara ao alferes, que o levou também gradualmente a começar a ultrapassar os pesadelos do passado e a equilibrar-se mentalmente ao ponto de agendar finalmente o desejado casamento com Alzira.

Todavia, agora tudo voltara ao passado. A guerra, os sonhos, Alzira... e o presente entrincheirara-o entre as paredes e grades do cárcere e as saídas para o pátio à hora do recreio com os companheiros de desdita, com quem privava e mantinha acesa uma militância que lhe levava a liberdade mas da qual não se arrependia.

Henrique às vezes pensava como seria a sua vida quando saísse da prisão daí por meia dúzia de anos. Queria abrir um bar junto a uma praia qualquer, para poder ouvir o mar em liberdade, contemplar as ondas a bater nas rochas, sentir o cheiro a iodo perfumar o ar, enterrar os pés na areia fresca deixada pela maré vazante. Queria ter um carro, um Renault 4, para percorrer cada recanto da costa sempre que tivesse dias livres para isso. Queria viajar e conhecer outros países, ir a Paris, Roma, Moscovo. E queria saber o que seria feito de Alzira.

Até que um dia aconteceu o mais desejado dos acontecimentos. A manhã ia a meio, era abril, vinte e cinco, mil novecentos e setenta e quatro. Companhias de caçadores de Viseu, de S. Jacinto e da Figueira da Foz haviam chegado e cercado o forte. Lá dentro o ambiente era de tensão, os guardas adiando a rendição e alimentando a soro a fidelidade a um regime que soçobrava nesse dia libertador no Terreiro do Paço e no Largo do Carmo. Lá fora, enquanto decorriam as negociações entre os guardas e os militares de abril, os obuses do batalhão da Figueira apontavam ameaçadoramente ao forte enquanto a população acorria em massa em seu apoio.

Depois de uma espera interminável de horas, uma lufada de ar fresco varreu o ambiente bafiento do edifício. A notícia espalhou-se como o vento, penetrou pelas frinchas das portas, espalhou-se pelos corredores da prisão. Entrou na alma de cada um dos prisioneiros e fez deles heróis da resistência ao regime que acabara de cair. Os guardas rendiam-se, e os soldados tomavam conta do forte. A liberdade chegaria para todos apenas dois dias depois porque os próprios presos, unidos por laços de solidariedade inquebrantáveis, haviam recusado que saíssem só alguns. Por entre o mar de gente que os aguardava em incontida euforia e inenarrável comoção, o ar perfumado dos cravos vermelhos que se agitavam frenéticos no ar, os presos políticos sairiam finalmente para respirarem, fora dos muros que os haviam privado da liberdade, o ar fresco de uma primavera inolvidável e de um futuro novo. Henrique, como os seus companheiros, foi puxado, sacudido, abraçado e beijado por gente que nunca antes vira na sua vida, tendo dificuldade em segurar na mão o pequeno saco com os seus poucos pertences pessoais enquanto tentava furar uma multidão em êxtase. No meio de tanta gente sentia-se feliz, emocionado, mas perdido e inseguro. Quando transpusesse aquela multidão, quando a euforia do momento amainasse, esperá-lo-ia apenas a incerteza sobre o rumo a seguir, e isso assustava-o e não lhe permitia viver devidamente o momento histórico de que era protagonista involuntário.

Foi então que, afastado do grosso da multidão, no final da rua que descendo da entrada da fortaleza o conduziria para as imediações do porto de pesca, Henrique vislumbrou Alzira que a subia.

Foi então que, emergindo da tumultuosa multidão que em euforia saudava os presos libertados, um homem com um pequeno saco começou a descer a rua em sua direção e Alzira reconheceu Henrique.

Os anos de separação eram agora apenas umas dezenas de metros, tudo em volta se tornando subitamente deserto, e Henrique desceu espantosamente sereno a rua em direção a Alzira, enquanto Alzira, de igual forma serenamente subiu a rua ao encontro de Henrique.

E foi ali, a meio daquela improvável rua, em que tudo em volta ficara subitamente vazio e em silêncio, em que só eles passaram a existir no mundo, em que o passado deixou de ter importância e em que a revolução em marcha sofreu uma pausa, que ambos se reencontraram, se abraçaram, se beijaram, se disseram palavras ternas e sentidas, que Henrique percebeu que Alzira nunca desistira dele e Alzira teve a certeza de que não se tinha enganado quando percebera que Henrique nunca tinha também desistido dela.

As suas vidas adiadas ainda vinham a tempo.